

ROCHA, Afonso – *Fernando Pessoa e o Quinto Império*. Porto: Universidade Católica Editora, 2012. 2 vols. 612 p. + 436 p.

Teria eu 12 ou 13 anos de idade (talvez em 1951) quando tomei conhecimento da existência do poeta Fernando Pessoa. Frequentava, em Vila Viçosa, o 1.º ou 2.º ano do Seminário Menor na vila calipolense, a terra natal de Florbela, e ia aprendendo português – o que nos ensinavam e o que ia aprendendo livremente por mim próprio. Não nos ensinavam (ainda) literatura, mas eu estudava um pouco de literatura, informando-me sobre os escritores que me impressionavam. Fazia-o consultando a obra *A Língua e a Literatura Portuguesa: História e crítica*, de Arlindo Ribeiro da Cunha, que alguém me facultara. Foi lá que encontrei a referência a Fernando Pessoa, com informação que fez nascer em mim o interesse pelo poeta. Poemas, poemas..., só li os primeiros no outono de 1954, já saído de Vila Viçosa e estudante no Colégio de Ponte de Sor, quando o pai de uma colega me ofereceu a pequena antologia editada pela Confluência, volume organizado por Adolfo Casais Monteiro. Foi um deslumbramento. Interminável, perene deslumbramento.

Talvez um ano não fosse tempo de mais para fazer a recensão adequada de *Fernando Pessoa e o Quinto Império*. Isto que tenho à minha frente não é um livro; é uma obra. Aprendi a distinguir com Ruy Bello. Por acaso os volumes são dois; mas podia ser só um e o todo não deixava de ser uma obra. Pela substância, pela extensão, pela estrutura, pela complexidade, pela fundamentação científica, pelo alcance e profundidade da mensagem transmitida: no plano material ou hílico, no plano anímico ou psíquico, no plano espiritual ou pneumático – para recorrer a vocábulos e conceitos da filosofia gnóstica, tão ao gosto do Doutor Afonso Rocha. E ao meu – posso acrescentar.

Parece-me a mim que um livro só merece o estatuto de obra quando o mundo que instaura, a pulsação que o ritma, o *telos* ou finalidade que o orienta, a autoridade que o alicerça, o horizonte que o circunscreve, a intencionalidade que o move – tudo isso eixo a eixo e tudo isso na sua unidade ontológica – impõem a presença da qualidade magna. Encontro tudo isso neste livro duplo, em duas partes ou volumes, e reconheço estar perante uma obra.

Fernando Pessoa e o Quinto Império – que significa este “e”? Que há uma relação fundamental entre Fernando Pessoa (tudo o que este nome possa ter dentro de si) e o *Quinto Império* (o Quinto Império enquanto conceção de Fernando Pessoa); ou o *Quinto Império* é expressão que designa aqui o *Quinto Império* propriamente dito, aquela entidade ontologicamente exterior e transcendente a Fernando Pessoa, entidade de que ele procura(ou) captar ou construir a (sua) conceção?

Eu gosto que a apresentação de um livro, ou de uma obra, seja revelada onticamente no objeto que é. No caso presente, logo a capa dá que olhar e dá que pensar. Sobre fundo branco, destaca-se o título da obra, o número do volume, o nome do autor, o nome da editora e a representação da figura de Fernando Pessoa, como se vivo e presente ali estivesse, caminhando no espaço projetado pelo chapéu, de grande dimensão – um chapéu de que me lembro na memória da minha infância –, que acima e sobre a cabeça o segue, acompanha e protege, numa ligação física e espiritual que inclui o corpo na sua totalidade, privilegiadamente a cabeça, e com destaque para os braços e as mãos – a direita livre e disponível para escrever e falar consigo mesmo, na orquestra

ortonímica e heteronímica da sua personalidade, no papel que na mão esquerda recolherá as palavras-frutos dessa conversa. A obra deve começar a ser lida ali.

E deve ser acabada de ler na contracapa. Nesta deparamos com dois textos distintos, que também podem ser lidos com um "e" copulativo. O primeiro texto informa sobre *Fernando Pessoa e o Quinto Império*; o segundo, sobre o autor da obra, Afonso Rocha. O que o autor aqui informa sobre o conteúdo da obra é extraordinariamente importante. Dessa informação destacarei apenas dois ou três pontos. Afonso Rocha sabe que o seu estudo é uma contribuição real «para um conhecimento alargado do pensamento de Fernando Pessoa». Do *pensamento*, não exatamente da *obra literária*, poética ou em prosa. Lemos: «[...] este estudo constitui a demonstração de que Fernando Pessoa, a par do artista e do poeta, foi um verdadeiro pensador e filósofo [...]». A par dos maiores que Portugal já teve. O autor o afirma: «[...] um verdadeiro pensador e filósofo, e que o terá sido eventualmente com a elevação das maiores figuras do pensamento filosófico português dos séculos XIX e XX, nomeadamente Pedro de Amorim Viana, Antero de Quental, Sampaio (Bruno), Leonardo Coimbra, José Marinho». Todas estas afirmações se estribam na análise feita ao longo de todo o Volume I, que é o alicerce do Volume II, que portanto se erguerá sobre ele. Neste, «com base numa conceção mítico-simbólica, [Fernando Pessoa] subsume, por um lado, que "Portugal" é "Quinto Império", e, por outro lado, que o "Quinto Império" de Portugal ("Quinto Império do Mundo") é figura ou sacramento da religião universal que a humanidade é chamada a adotar em substituição do cristianismo católico e de toda e qualquer religião de teor institucional ou organizado». Espero que tenhamos ouvido bem. Eu conheço razoavelmente, para não dizer que conheço bem, a personalidade de Afonso Rocha. Ele não fala cripticamente para intérpretes sofisticados, ele fala para o leitor racional comum. O que diz é o que pode confiadamente ser ouvido. Não diz A para interpretarmos B, não diz B para interpretarmos A. O que diz é o que deve ser ouvido, o que escreve é o que deve ser lido.

Dito isto, impõe-se-me chamar a atenção para a grandeza, nobreza, verdade e abertura da atitude e comportamento da Universidade Católica Portuguesa, cuja Editora-Porto decidiu publicar esta obra, em vez de dissuadir o autor de a ver editada ou, no mínimo, de não ser ela a editá-la. É um grande gesto, é uma exemplar postura.

O louvor que estas minhas palavras modestamente representam acaba por recair também sobre o autor da obra, Afonso Rocha. Quem é ele? É licenciado em Teologia, mestre em Antropologia Teológica e doutor em Filosofia, é investigador/professor da Universidade Católica Portuguesa no Porto. Ou seja: a sua formação é integralmente católica, tal como a sua inserção profissional como docente e investigador. Católica é de igual modo a atmosfera filosófica nuclear da sua obra, na qual se incluem sinais de interesse investigativo sobre a gnose.

Estamos perante uma obra de grande envergadura, consistência e solidez. Para a necessária brevidade de uma apresentação, parece-me que o melhor é dar a palavra ao próprio autor. Como ninguém, ele sabe o que fez, o edifício que longamente construiu com os imensos materiais que para o efeito reuniu e recolheu. Diz-nos, na Introdução: «[...] o presente estudo, sob o título *Fernando Pessoa e o Quinto Império*, desenvolvido no âmbito do plano de investigação do Centro de Estudos do Pensamento Português da Universidade Católica do Porto, restringindo o *corpus* da sua pesquisa e análise às obras e escritos, em prosa e em verso, do Pessoa "ortonímico", propõe-se estudar a natureza, as perspectivas e as eventuais referências do messianismo do *Quinto Império* de Fernando Pessoa no quadro do pensamento filosófico do autor,

muito designadamente de âmbito metafísico, gnosiológico, antropológico, estético, ético-moral, religioso-esotérico e político-messiânico» (Volume I, p. 16).

Para o efeito, mover-se-á

«no desenvolvimento da seguinte estrutura temática:

Parte primeira – “Fernando Pessoa: ortonímia e heteronímia [...]”.

Parte segunda – “O pensamento filosófico de Fernando Pessoa [...]”.

Parte terceira – “Fernando Pessoa e a filosofia da religião [...]”.

Parte quarta – “O messianismo do *Quinto Império* de Fernando Pessoa [...]”.

Parte quinta – “A interlocução do *Quinto Império* de Fernando Pessoa [...]”

(Volume I, pp. 16-18).

Curiosamente, temos de constatar que esta estrutura é ela mesma quinária, como se obra musical fosse, escrita num compasso de cinco tempos, dividido internamente em três tempos mais dois, um compasso ternário mais um compasso binário, fechando com o último tempo deste, ou seja, o quinto tempo do compasso quinário. É a estrutura quinto-imperial. Eis como o autor explica o fecho da peça, ou seja, como organiza internamente o tempo do compasso final. Lemos: a Parte quinta, «desdobrada nos capítulos “*O Quinto Império* na conceção messiânica de Fernando Pessoa e do Padre António Vieira” e “*O Quinto Império* de Fernando Pessoa e o ‘misticismo idealista’ de Sampaio (Bruno)”, procederá, finalmente, à explicitação da eventual interlocução que Pessoa pode ter estabelecido com outras conceções para formular a sua conceção messiânica do *Quinto Império*, nomeadamente com as do Padre António Vieira, de Sampaio (Bruno) e de Pascoaes» (*Ib.*, p. 18).

Afonso Rocha sabe que não está sozinho, que integra um vasto colégio de estudiosos, investigadores e editores de Fernando Pessoa. O *Índice onomástico*, que se estende e distende pelos dois volumes, ajustando-se a cada um, atingindo a extensão total de dez páginas, fornece-nos de forma clara o elenco das suas referências, desse modo sistematizando as referências exaustivas e muitas vezes extensas das notas, de pé de página ou inseridas no texto próprio. A Bibliografia, apresentada no Volume II, é exaustiva e vê-se que foi laboriosa e cuidadosamente trabalhada pelo autor.

A sua gratidão e honestidade encontram expressiva confirmação no parágrafo derradeiro da Introdução. A sua obra é rigorosamente objetiva e isenta, não se descortinando uma palavra menos amável seja para quem for e procurando ser integralmente fiel ao pensador de cujo estudo – difícil, complexo e aliciante – se ocupa. Eis o que lemos no último parágrafo da Introdução: «Finalmente, pondo-se termo a esta introdução, cumprirá exprimir uma palavra de reconhecimento, e mesmo de homenagem, a todos quantos, especialistas e editores, se têm dedicado ao ingente trabalho de publicação do espólio de Fernando Pessoa, muito designadamente à equipa de M. Aliete Galhoz e à Nova Aguilar, à equipa de J. Serrão e à Ática, a J. Augusto Seabra e à Arquivos/Fundação Eng.º António de Almeida, à equipa de T. Rita Lopes e à Assírio & Alvim, à equipa de Ivo Castro e à INCM. Sem o seu contributo, este estudo pura e simplesmente não teria sido possível...» (*Ib.*, p. 18).

Na análise de Afonso Rocha, compreendendo toda a sua larga e longa investigação, o interlocutor decisivo de Fernando Pessoa, relativamente à questão do *Quinto Império*, é Sampaio (Bruno). Sintetizando a sua posição final sobre os interlocutores Padre António Vieira e Sampaio (Bruno), pronuncia-se assim: «Pessoa está interessado

fundamentalmente na afirmação "mythico-simbólica" do messianismo e da "salvação" [...]. Parece não lhe interessar propriamente o sapateiro Bandarra, se ele existiu ou se escreveu aquelas "profecias" [...]. O que parece interessar-lhe, e isso de maneira particularmente profunda, é o lado "mythico-simbólico-prophético" que está por detrás do "sebastianismo" ou messianismo de Bandarra, de Dom João de Castro, de Vieira [...], e cujos verdadeiros "prophetas" ou autores são os "Cavaleiros" da "Ordem de Cristo" [...]. Numa palavra, o que lhe interessa é o "mytho" e o "symbolo", o mesmo é dizer, a visão da História, do Homem e da religião e consequentemente do *Quinto Império*, como "razão", como "sonho" e como "mistério" [...]» (*Ib.*, p. 362).

A posição final de Afonso Rocha parece ser a seguinte: que, «mesmo neste ponto, talvez Pessoa e Bruno continuem a estar mais próximos um do outro do que à primeira vista possa parecer [...]» (*Ib.*, p. 362) A citação é longa, mas é talvez decisivo fazê-la por inteiro, pois ela é a pedra de fecho de toda a abóbada desta obra: «É que talvez o "mysticismo idealista" de Sampaio (Bruno), entendido à luz da metafísica mística e da conceção mítico-gnóstica do Conhecimento, constitua uma certa antecipação do messianismo místico que Fernando Pessoa, interpretando a história e a cultura, a política e a religião, com base no "mytho" e no "symbolo", na gnose e no "syncretismo" "synthetico", e evoluindo da filosofia da história para a filosofia da religião, consagra na conceção em que, por um lado, Portugal é subsumido como "mytho" e "symbolo" do *Quinto Império do Mundo*, e em que, por outro lado, o *Quinto Império do Mundo* mais não é do que a consubstanciação da religião universal que a humanidade é chamada a adotar, em substituição do cristianismo católico e de toda e qualquer outra religião de teor institucional ou organizado» (*Ib.*, p. 362)

Esta é a *última palavra* desta obra, a pedra que fecha e sustenta a abóbada.

Esta não vai ser uma obra fácil de ler. É uma obra de investigação científica pessoana, porventura a mais completa, exaustiva e cientificamente exigente até hoje publicada sobre o messianismo pessoano centrado na temática do *Quinto Império*. Ela exige um mergulho fundo no pensamento pessoano, que é fascinante mas não é fácil. Apesar disto, os amantes verdadeiros e consistentes do mundo *pneumático, espiritual*, desencantado e posto ao nosso dispor por Fernando António Nogueira Pessoa, decerto não vão prescindir de a ler. A esses eu deixaria desde já o conselho de prestarem atenção à utilíssima bússola que considero ser o "índice sistemático" – bússola e instrumento de apoio ao mesmo tempo (Volumes I e II, cada volume com seu índice, 72 densas e iluminativas páginas na totalidade, 38 mais 34).

Eu diria que, para os habitantes deste círculo, de companheiros espirituais de Fernando Pessoa, estamos perante uma obra de leitura obrigatória. Não é que alguém nos obrigue a lê-la; somos livremente obrigados a lê-la. E, como um dia escreveu Herberto Helder, *devagarosamente*.

Manuel Ferreira Patrício